

O que é Educação Financeira? Uma discussão com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental

DOI: <https://doi.org/10.33871/rpem.2025.14.35.10730>

Murillo Aurélio de Moura Araujo¹
Antonio Sales²

Resumo: Este artigo trata-se do recorte de uma dissertação de Mestrado, que teve o objetivo de analisar os efeitos da aplicação de uma sequência didática, elaborada a partir de questões que envolvem a Educação Financeira. A pesquisa foi realizada com estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, de duas escolas da cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul. Apresentamos neste trabalho, os resultados que foram produzidos na primeira aula. Quanto ao referencial metodológico, trabalhamos com a análise de conteúdo de Bardin. Como resultados, os estudantes da escola particular se mostraram mais espontâneos em apresentar suas concepções sobre Educação Financeira, enquanto os estudantes da escola pública, demonstraram dificuldades na identificação de alguns conceitos. Por fim, é possível concluir que a Educação Financeira é um tema atual cuja presença se faz necessária em todas as escolas do país, levando-se em consideração o alto índice de pessoas endividadas em todo o território nacional. Assim sendo, iniciativas como essa poderão diminuir esse índice significativamente.

Palavras-chave: Educação Básica; Endividamento; Análise de conteúdo; Consumo; Planejamento.

What is Financial Education? A discussion with Final Year Elementary School students

Abstract: This article presents an excerpt from a Master's dissertation, which aimed to analyze the effects of implementing a didactic sequence, developed from questions related to Financial Education. The research was conducted with 8th and 9th grade students from two schools in the city of Campo Grande, in the state of Mato Grosso do Sul. In this paper, we present the results produced during the first lesson. Regarding the methodological framework, we employed Bardin's content analysis. As for the results, the students from the private school appeared more spontaneous in presenting their conceptions of demonstrated difficulties in identifying certain concepts. Finally, it is possible to conclude that Financial Education is a contemporary topic whose presence is necessary in all schools across the country, considering the high rate of indebted individuals throughout the national territory. Thus, initiatives such as this may significantly reduce this rate.

Keywords: Basic Education; Indebtedness; Content Analysis; Consumption; Planning.

1 Introdução

Vivemos na era da informação. Com início no ano de 1989, em que tivemos o fim das ditaduras, a revolução das telecomunicações, o surgimento da internet, a globalização financeira e o fim das barreiras entre os países. São ocorrências que apresentam um panorama elementar

¹ Doutorando em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: murillo.aurelio@hotmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1248-4730>.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Docente do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática e docente do curso de Medicina da Universidade Anhanguera-Uniderp. E-mail: profesales@hotmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5515-6625>.

para esse tempo. Todavia, sua característica principal está na mudança ocorrida nos paradigmas de produção e do emprego. Inúmeros fatores mudaram radicalmente: o mundo vem evoluindo a cada ano em direção ao predomínio da “economia de serviço”; as tecnologias têm mudado em todos os setores da economia; o conhecimento vem sofrendo mudanças de forma contínua e a educação não vale mais para toda a vida, visto que o que se aprende hoje nos bancos escolares pode estar desatualizado em um curto período (Martins, 2004).

Além disso, o tempo de vida útil dos produtos têm diminuído e novos produtos têm surgido diariamente no mercado. Também chamado de “consumismo da obsolescência programada”, em que hoje os produtos são fabricados com um tempo de vida limitado e não há a possibilidade de conserto, somente a troca. Nesse caso, o consumidor se vê obrigado a adquirir um novo produto e descartar o antigo. Igualmente, as empresas precisam sobreviver à instabilidade do mercado mundial. Seja por crises econômicas, desastres naturais ou governos com visões ideológicas diferentes que são trocados constantemente.

Ainda, segundo o autor, as pessoas têm mudado rapidamente de profissões e têm migrado para outras cidades em busca de melhores condições de vida. Existem determinadas profissões que estão sendo extintas e as pessoas estão sendo substituídas por máquinas ou aparelhos eletrônicos. Em outros casos, há um número elevado de profissionais formados em certas áreas, que não conseguem emprego e precisam ingressar em profissões diferentes de sua formação específica, por conta de uma real necessidade de sobrevivência.

Outro ponto que nos traz um alerta, está envolto na busca desenfreada por bens de consumo. O número de pessoas que adquirem produtos e serviços desnecessários, no qual são influenciados pelas mídias e pela “moda do momento”, tem aumentado a cada dia. É um período de diversas transformações, no qual há tempos passados o Estado garantia a aposentadoria no fim da vida para seus cidadãos. Atualmente, esse benefício é viabilizado para um menor número de pessoas, que pode ser explicado pela mudança do Estado tutelador para o do cidadão empreendedor (Eid Jr, 2017).

Quanto ao aspecto econômico, temos transformações que vem acontecendo no país e no mundo, visto que é real a necessidade de as pessoas adquirirem conhecimentos e habilidades financeiras, mesmo que mínimas, para que sejam capazes de agir com responsabilidade em situações financeiras cotidianas (Matioli; Lubeck, 2016).

Atualmente as formas de compra, vão para além de cédulas de papel e moedas, nas quais as formas de pagamento e investimento avançaram e os usuários têm para si diversas modalidades, como: o pix, o cartão de crédito e débito, o cheque especial, além dos tipos de investimentos, como os fundos de investimentos, a poupança e as moedas virtuais, que, por

mais que sejam simples, necessitam de um conhecimento básico para a sua utilização e boa parte da população não têm (Lucci *et al.*, 2006).

2 Educação Financeira: um conhecimento necessário frente o século XXI

Devido a essas dezenas de transformações que listamos, compreendemos que a Educação Financeira se tornou um tema fundamental para a vida de todos os cidadãos, saindo do aspecto de conhecimento à parte, para um ponto necessário na vida de todos os consumidores. Por intermédio dela, os indivíduos conseguem compreender a importância da administração correta de seus recursos financeiros e como utilizá-los de forma racional, para se obter uma melhora na sua qualidade de vida (Teixeira, 2015).

Posto isso, é importante lembrarmos que em grande parte da sua vida, o ser humano está presente na escola, ambiente no qual são construídos fundamentos importantes que caminharão em conjuntamente com ele, ao longo de toda a sua vida. Após esse ciclo, da Educação Básica (escola), alguns têm o intuito de no futuro ingressarem em uma universidade, e, posteriormente, alcançarem o ingresso no mercado de trabalho. À vista disso, lamenta-se que, em grande parte das escolas e cursos superiores, não são ensinados conteúdos que dialogam com realidade e problemas que eles enfrentam ou enfrentarão ao longo de sua vida. Dentre eles, podemos citar o uso e a aplicação das finanças pessoais (Peter; Palmeira, 2013).

As crianças, como futuras consumidoras, necessitam, desde cedo, dessa preparação sobre como lidar com o dinheiro. A escola e a família são aliadas fundamentais na construção de novos padrões comportamentais nas novas gerações. Por intermédio da Educação Financeira, é possível formar indivíduos conscientes e capazes de participar ativamente no desenvolvimento social e econômico de nosso país. Pressupõe-se que a função da escola nesse caso, deve se pautar na criação de bases sólidas, com o objetivo de que no futuro as crianças possam ter um conhecimento que os ajudará no uso dos seus recursos financeiros de maneira responsável, equilibrada e saudável. Essa ação é algo que não é implementado de forma instantânea, mas é um processo que demanda tempo.

A partir disso, temos a definição de Educação Financeira, que segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico:

[...] pode ser definida como "o processo pelo qual os consumidores / investidores financeiros melhoram sua compreensão de produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informações, instruções e / ou conselhos objetivos, desenvolvem habilidades e confiança para se tornarem mais

conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, para saber onde buscar ajuda e tomar ações eficazes para melhorar seu bem-estar financeiro”. A educação financeira, portanto, vai além do fornecimento de informações e consultoria financeira [...] (OCDE, 2005, p. 4).

Para Coutinho e Teixeira (2013), a Educação Financeira pode ser entendida como o conjunto de informações fundamentais, dentre as quais o indivíduo aprende a gerir melhor os seus recursos financeiros. Ela abrange decisões de como elaborar e acompanhar o orçamento pessoal ou familiar, as formas de comprar, poupar e investir, e, de modo geral, como usar os recursos financeiros de forma inteligente, visando atingir objetivos específicos mais rapidamente. Ela é uma ferramenta que colabora no ensino e propagação do consumo consciente e planejado. Dessa maneira, existe uma contribuição no desenvolvimento do país, visto que cidadãos educados financeiramente contribuem para a diminuição do endividamento e consequentemente acarreta o aumento da riqueza nacional (Mota, 2019).

Quando nos referimos ao ensino da Educação Financeira na Educação Básica, sabe-se que estratégias precisam ser criadas e o planejamento é fundamental para que bons resultados possam ser obtidos no futuro. Com situações e problemas que serão trabalhados em sala de aula pelos professores, os estudantes podem ser inseridos nesse universo do dinheiro e poderão aprender conceitos que envolvem finanças pessoais e princípios básicos de economia. Com essa formação acreditamos que os estudantes estarão preparados para analisarem, tomarem decisões corretas quanto a situações que envolvem o uso de seus recursos financeiros. Ademais são conhecimentos que poderão ser propagados por eles para seus familiares, amigos e sociedade (Silva; Powell, 2013).

3 Metodologia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa do tipo qualitativa que, segundo Prodanov e Freitas (2013), o pesquisador não trabalha com dados estatísticos, não enumerando ou medindo os dados que foram produzidos. Os pesquisadores que trabalham com essa abordagem, buscam explicar o porquê das coisas, por meio de um referencial teórico que caminha em conjunto com objetivos propostos.

Esta pesquisa é um recorte de uma dissertação de mestrado, que teve o objetivo de analisar os efeitos da aplicação de uma sequência didática com conteúdos de Educação Financeira, para estudantes do Ensino Fundamental. O trabalho foi realizado com estudantes de duas escolas (uma da rede particular de ensino e uma da rede pública de ensino) localizadas na

cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul. Para isso utilizou-se de gravações e anotações que foram feitas pelos estudantes, sendo preservada a identidade de cada um.

Destaca-se que em ambas as escolas em que a pesquisa foi realizada, os estudantes estavam matriculados no período matutino. O projeto foi executado no contraturno dos estudantes, visto que não tinham atividades regulares que poderiam prejudicar a participação deles na pesquisa.

O estudo foi realizado com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental na primeira escola, que será referida neste trabalho como escola 1 (escola da rede particular de ensino) e na segunda escola com estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, que será citada neste trabalho como escola 2 (escola da rede pública de ensino).

Quanto ao número de participantes da escola 1, inicialmente doze (12) estudantes mostraram interesse em participarem da pesquisa, contudo, nos outros encontros que foram realizados houve um acréscimo de mais três (3). Por conseguinte, o total de adolescentes que participaram da pesquisa foi de quinze (15) estudantes.

Em relação à escola 2, primeiramente na apresentação do projeto de pesquisa para a turma do 9º ano do Ensino Fundamental, dois (2) estudantes demonstraram interesse em participar da pesquisa. Por esse motivo, em conversas com o meu orientador decidimos ampliar o projeto para a turma do 8º ano do mesmo período. Com essa ampliação, tivemos no total nove (9) estudantes que demonstraram interesse, todavia no primeiro dia de aula estavam presentes quatro (4) estudantes, dois (2) pertencentes a cada turma. Na segunda aula, recebemos o ingresso de mais um (1) do 8º ano. O número total de participantes na pesquisa foi de cinco (5) estudantes.

Apresentaremos uma das aulas, que foi realizada na escola 1 e parte da primeira aula que foi concluída na escola 2, em que foi feito um estudo prévio com os estudantes de ambas as escolas, com o objetivo de saber os conhecimentos que eles detinham e que foi adquirido de outras maneiras ao longo de suas vidas, anteriormente à realização da pesquisa, a respeito da definição de Educação Financeira e sua importância para a vida das pessoas. A pergunta norteadora desta aula foi a seguinte: o que é Educação Financeira?

Nas análises que foram realizadas utilizou-se de alguns trabalhos acadêmicos que foram produzidos que se relacionam com o tema proposto, tais como: Rocha e Vergili (2007); Savoia, Saito e Santana (2007); Francischetti, Camargo e Santos (2014); Coutinho, Padilha e Klimick (2015); Moura (2018) e Isoppo, Zilli e Biff (2019).

4 Análise de conteúdo

Como referencial metodológico do trabalho optou-se pela Análise de Conteúdo. Segundo Oliveira *et al.* (2003), ela é uma das técnicas de pesquisa mais antigas e a sua utilização é datada primeiramente em 1787, nos Estados Unidos. Contudo, ela veio a se tornar verdadeiramente um método entre os anos de 1920 e 1930, na época da evolução das Ciências Sociais. Ela pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Para Moraes (1999), ela é uma metodologia utilizada para interpretar documentos e textos de todos os tipos, podendo ser utilizada em pesquisas qualitativas e quantitativas, contribuindo para o pesquisador entender o real significado do texto, da fala ou expressão que está sendo analisada, sabendo o que realmente o indivíduo está querendo transmitir.

Bardin (2016) define que a análise de conteúdo ocorre em três fases, que devem ser respeitadas seguidamente: a) pré-análise; b) a exploração do material; e c) o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação.

5 Análise e resultados

Inicialmente foi explicado aos estudantes os conteúdos que seriam estudados durante os encontros, a periodicidade em que a oficina seria realizada, nesse caso, durante cinco semanas e os conteúdos que seriam estudados.

A partir disso, foi feita a seguinte pergunta disparadora aos estudantes: o que é Educação Financeira? Os estudantes deveriam responder de acordo com conceitos que sabiam acerca do tema. Essa mesma pergunta foi feita aos estudantes da escola 2. Por esse motivo, optou-se por inserir as respostas deles nessa mesma aula, visto que os argumentos apresentados foram semelhantes e a pergunta que foi feita para ambos, foi a mesma.

Da escola 1, dois estudantes não falaram neste primeiro momento e a posição deles foi respeitada. O total de estudantes presentes nessa aula foi de doze (12), contudo, no total da oficina foi de quinze (15). Na escola 2, durante a primeira aula, estavam presentes quatro (4) estudantes que responderam à pergunta. Todavia, durante os outros encontros realizados, estiveram presentes cinco (5) deles. Para preservar a identidade dos estudantes, utilizamos de

termos fictícios para a identificação das falas de cada um. Para os estudantes da escola 1, optamos por utilizar a letra “A” e para os estudantes da escola 2, utilizamos a letra “B”. As falas do professor/pesquisador, foram identificadas com a letra “P”.

Os objetivos da aula foram: apresentar a importância da Educação Financeira para nossas vidas; identificar a diferença entre o desejo e a necessidade e apresentar as compras que são feitas a prazo. Para a organização dos argumentos dos estudantes, foram elaborados dois quadros que estão inseridos abaixo.

No quadro abaixo, estão as falas dos estudantes que foram divididas em quatro categorias: Economia de dinheiro; Consumo Consciente; Planejamento; Aplicação Financeira. As categorias foram elaboradas de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin. A pergunta também foi feita para os estudantes que não puderam comparecer na primeira aula, dessa forma, suas respostas foram inseridas nas categorias elencadas abaixo.

Quadro 1 - O que é Educação Financeira? (Escola 1)

Estudantes	Categorias			
	“Economia de dinheiro”	“Consumo Consciente”	“Planejamento”	“Aplicação Financeira”
A1	Economizar o dinheiro	Consumo consciente		
A2	Economizar dinheiro	Consumo consciente	Planos futuros	
A3	Economizar dinheiro	Emergência	Planos futuros	
A4	Saber no que gastar	Emergência	Plano de consumo	
A5	Economizar dinheiro	Uso consciente		
A6	Economizar dinheiro		Planos futuros	
A7		Consumo consciente	Planos futuros	
A8	Saber no que gastar			
A9		Uso consciente	Planejamento	
A10	Economizar dinheiro		Planos futuros	
A12	Economizar dinheiro			Fontes de renda; Aplicação financeira
A13	Economizar dinheiro	Uso consciente	Planos futuros	
A14			Controle das despesas	
Total	10	8	9	1

Fonte: elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Quadro 2 - O que é Educação Financeira? (Escola 2)

Estudantes	Categorias			
	“Economia de dinheiro”	“Consumo Consciente”	“Planejamento”	“Aplicação Financeira”
B1		Controlar o dinheiro		
B2	Poupar			Fazer investimentos
B3		Controle nos gastos		
B4	Economizar o dinheiro	Gastar de forma consciente		
Total	2	3	0	1

Fonte: elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Em relação ao número de estudantes que se pronunciaram na escola 1, tivemos quatorze (14). Da escola 2, quatro (4) estudantes se pronunciaram. Dos quatorze (14) estudantes da escola 1, dez (10) responderam que a Educação Financeira nos ensina formas de economizar dinheiro. Da escola 2, tivemos dois (2) estudantes.

A3: Ó professor para mim é economizar dinheiro para algum caso de emergência ou para comprar alguma coisa que você quer.

A8: Saber gastar o dinheiro com coisas importantes.

B2: Eu acho também que é aprender, como se diz assim, poupar e aprender a investir.

Eles se utilizam, não necessariamente de forma consciente, da afirmação de Savoia, Saito e Santana (2007). Esses autores definem a Educação Financeira como um processo, no qual são transmitidos conhecimentos a certos indivíduos que os ajudarão positivamente na administração de seus recursos financeiros pessoais. Nesse caso, eles aprenderão formas de poupar, economizar dinheiro e como tomar decisões fundamentadas no que diz respeito ao uso de seus recursos. Quando há o aprimoramento desses saberes, o indivíduo se torna menos suscetível às armadilhas lançadas por instituições, que têm o intuito de levar as pessoas ao endividamento por meio de produtos, serviços e propagandas que induzem ao consumismo.

A segunda categoria foi denominada em “consumo consciente”. Foram inseridos os argumentos dos estudantes que se relacionavam com o uso consciente do dinheiro e de emergências. Oito (8) estudantes da escola 1 se utilizaram desses termos em suas respostas; e três (3) estudantes da escola 2, que se utilizam de palavras que se relacionam ao controle do dinheiro e o seu uso consciente.

A1: “eu acho que é” economizar o dinheiro e ter um consumo consciente.

B3: Aprender a controlar os seus gastos.

B4: [...] economizar o dinheiro, como gastar o dinheiro com algumas coisas [...].

Todo ser humano precisa de determinados produtos e serviços para sua sobrevivência e desfrutar de bem-estar, seja fazendo compras em um supermercado, frequentando lojas e realizando consultas rotineiras em especialistas da saúde, por exemplo. São lugares para os quais ele se dirige por necessidade. Além disso, o ser humano precisa de momentos de lazer e convivência com seus amigos e família, seja frequentando um restaurante, uma sorveteria, um cinema ou shopping. São práticas saudáveis que alimentam a economia do país, pois o dinheiro recebido pelas pessoas precisa circular. O consumo então, pode ser definido dessa maneira, como o ato de consumir aquilo que se realmente precisa (Coutinho; Padilha; Klimick, 2015).

Desde as primeiras civilizações o ser humano buscou satisfazer suas necessidades básicas. Essas necessidades, no entanto, eram realizadas de acordo com o que dispunham, isto é, estavam disponíveis para aquele período (Moura, 2018).

As necessidades mais simples estavam restritas à alimentação diária, roupas e cuidados que deveriam ter com suas casas. A alimentação era produzida pela própria família, semeada, cuidada e colhida, chamada de agricultura de subsistência. Segundo relatos de pequenos proprietários, que hoje estão com idades avançadas, mas passaram a maior parte de suas vidas nas lides do campo, as peças de roupas que usavam eram pouquíssimas disponíveis nos guarda-roupas. Na maioria das vezes, um casal tinha muitos filhos para ajudar no plantio, na colheita e no trabalho e as peças de roupas eram divididas entre irmãos. Os móveis, objetos e aparelhos eram poucos, ou seja, possuíam apenas o necessário. Na casa havia camas simples, uma cômoda e um fogão de lenha para o cozimento dos alimentos. Muitos não desfrutavam do que temos hoje.

Todavia, com o passar do tempo, apenas as necessidades pessoais não foram suficientes para que o ser humano pudesse se satisfazer. Surgiram novos produtos, objetos e serviços criados por empreendedores, que tiveram o seu início na chamada Revolução Industrial, e abriu um leque de novos produtos e serviços disponíveis à população mundial (Moura, 2018).

Hoje o consumo tem aumentado por conta de que maior parte da divulgação dos produtos é feita a partir de propagandas que induzem muitos a adquirirem produtos sem necessidade. Novos lançamentos de marcas famosas, já consolidadas no mercado pelas mídias, que têm levado muitas famílias ao endividamento. Por conseguinte, existe uma cultura de consumidores compulsivos que têm se utilizado dos seus recursos financeiros sem controle e planejamento, prejudicando a sua saúde financeira.

Esses recursos que poderiam ser economizados são utilizados de forma compulsiva, prejudicando o orçamento das pessoas. Também esse dinheiro poderia ser economizado para emergências que ocorrem na vida de todos. Assim, citamos a seguir argumentos de dois

estudantes que apresentaram tipos de emergências que todas as pessoas estão suscetíveis a enfrentar um dia.

A3: Ó professor para mim é economizar dinheiro para algum caso de emergência ou para compra alguma coisa que você quer.

A4: Seria... eu saber quando eu quero gastar para mim. Eu vi internet eu quero aquilo lá e saber quando eu preciso. Eu preciso de um remédio vou comprar um remédio ou guardar também para comprar outra coisa.

Nos casos referidos, o estudante A3 cita o termo emergência, entretanto, o estudante A4 não se utiliza da palavra, mas faz menção a uma que pode ocorrer na vida de todos os indivíduos a qualquer momento, que é o caso dos problemas relacionados à saúde. A Educação Financeira nos instrui e ensina acerca da importância de utilizar os recursos financeiros de forma consciente e responsável. Como afirmado pelos estudantes, ela nos instrui a respeito de situações adversas que podem acontecer em nossas vidas para as quais precisamos estar preparados.

Em relação à terceira categoria intitulada “planejamento”, nove (9) estudantes da escola 1, responderam à pergunta disparadora, com os seguintes termos: planos futuros e planos de consumo e planejamento, que foram utilizados pelos estudantes para se referirem a alguma compra que gostariam de realizar no futuro. No que diz respeito aos estudantes da escola 2, nenhum respondeu de acordo com essa categoria. A seguir estão citados os argumentos apresentados pelos estudantes A2, A9 e A10:

A2: Economizar o dinheiro, ter um consumo consciente e saber como você vai gastar ele para planos futuros.

A9: Saber gastar o dinheiro. Pesquisar antes de comprar.

A10: Guardar o dinheiro para planos futuros. faculdade, sonhos, viajar, quando você tiver maior assim, ter a sua casinha, o seu próprio carro, o que você estiver com 18 anos[...] você já pode ter o seu próprio carro.

O estudante A2 argumenta sobre planos futuros que podem estar ligados à compra de um imóvel, o ingresso na faculdade, à aquisição de um veículo novo ou a uma viagem em família. Essa categoria está interligada com os sonhos, como foi dito pelo estudante A10, que podem ser individuais ou coletivos e separados em intervalos de tempo, com um planejamento de acordo com o tamanho dele e o valor total de recursos financeiros que serão necessários para a sua realização. Por isso, deve-se considerar a “pesquisa de preços” antes de se adquirir um bem ou serviço, porque por meio dessa análise é possível pensar no melhor momento para realizar o que se deseja, podendo-se ter uma previsão do preço. A partir disso, o “planejar-se,

significa organizar-se em função de um objetivo” (Coutinho; Padilha; Klimick, 2015, p. 99).

Pode-se supor que muitas pessoas não têm o hábito de se planejarem para a realização de um sonho ou para eventuais problemas que possam vir. Elas procuram poupar somente a partir do que sobra no fim do mês, o que é uma atitude errada, visto que na maioria dos meses, não se resta nada. A atitude certa é fixar um plano dentro do orçamento de despesas fixas mensais, pois não será usado apenas o valor que “sobrar”, mas sim um exato todos os meses. Entretanto, se o indivíduo não conseguir incluir esse plano dentro do seu orçamento mensal, é preciso fazer um corte de gastos, levando-se em consideração que na vida existe a necessidade de se fazer escolhas. Por conseguinte, a disciplina é uma aliada fundamental, devendo ser colocada em prática pelo indivíduo e pela sua família, se for o caso (Coutinho; Padilha; Klimick, 2015).

Outra dica para a realização de planos futuros é que o indivíduo não deve gastar mais do que ganha todos os meses, porque, dessa maneira, arruinará os seus objetivos futuros. Um bom planejamento financeiro funciona como um mapa, no qual a pessoa pode entender o ponto em que se encontra, os caminhos que irá percorrer e onde deseja chegar (Francischetti; Camargo; Santos, 2014; Isoppo; Zilli; Biff, 2019).

Na categoria que aponta a Educação Financeira como “aplicação financeira”, apenas um estudante de cada uma das escolas respondeu. Na primeira escola, o estudante citou algumas formas de investimento financeiro que temos disponíveis no mercado, e da outra que ela nos ensina a investir dinheiro.

A12: Aqui professor na minha humilde opinião, pra mim poupar dinheiro seria poupar dinheiro né, você guardar dinheiro, você aplicar financeiramente você têm um [...] ganho muito maior do que você aplicou. Você ter algumas fontes de renda como na bolsa de valores, imóveis, poupança. Quanto mais dinheiro você tem mais você guarda.

B2: Eu acho também que é aprender a como se diz assim, poupar e aprender a investir.

Segundo Coutinho, Padilha e Klimick (2015), o investimento financeiro é o emprego do dinheiro poupado em aplicações que rendem juros e outras formas de remuneração. Estas podem vir de dividendos, que são valores recebidos por pessoas que têm ações em empresas, e o lucro da revenda que é o caso dos imóveis, investimento o qual, por exemplo, o indivíduo compra um imóvel abaixo do seu valor de mercado e o vende acima do que ele adquiriu após determinado tempo.

Atualmente, o mercado nos oferece diversas formas de aplicar o dinheiro, seja por meio de fundos de ações, bolsa de valores, títulos da dívida pública, imóveis e, o mais simples e utilizado pela maioria dos brasileiros, a poupança, que consiste na aplicação de determinado

valor que é depositado em uma conta bancária, que rende um valor com juros todos os meses, que é definido e calculado pelo Banco Central do Brasil (Rocha; Vergili, 2007).

A poupança é o tipo de investimento mais utilizado, considerando a sua praticidade e simplicidade na aplicação de recursos, com baixo risco de perda de dinheiro. Assim, jovens, adultos e idosos, que não querem colocar em risco aquilo que tem conquistado e conquistaram durante a vida, optam por essa forma de investimento. A poupança também é utilizada por responsáveis que abrem uma conta para seus filhos com o intuito de realizarem algum objetivo no futuro, seja para o pagamento da sonhada faculdade ou a aquisição de um bem, como um carro ou casa ao se tornarem maiores de idade.

O investidor precisa saber o nível de risco que ele está preparado para correr: alto ou baixo. Há indivíduos que têm objetivos, saberes e uma boa quantidade de dinheiro para aplicarem em investimentos de alto risco, visto que, detêm de habilidades individuais para o uso dos recursos no mercado financeiro. Contudo, existem aqueles que preferem um lucro futuro previamente especificado e praticamente garantido, porque não possuem experiência com o mercado financeiro, por isso, nesse caso os investimentos de baixo risco são os mais adequados. Além disso, os clientes precisam lidar com o risco e o retorno dentro desses tipos de aplicações financeiras. O risco se refere a algum problema que pode ocorrer na instituição na qual ele aplicou os seus recursos; ou algo à nível mundial que pode acontecer e afetar os lucros. O retorno é aquilo que o investidor deseja receber dentro de determinado tempo. É claro que, quanto menor o tempo de retorno e maior a possibilidade de lucro, maior será o risco que o investidor terá na aplicação (Coutinho; Padilha; Klimick, 2015).

Após essa primeira parte da aula na escola 1, foi apresentado aos estudantes o conceito da Educação Financeira pelo pesquisador, explicando que seus fundamentos estão envoltos em todos os aspectos que os estudantes disseram, do consumo consciente, do planejamento financeiro e da importância de poupar com o intuito de resolver emergências financeiras.

Também, foi explicado pelo professor os aspectos que seriam estudados na primeira aula, que consistiria em apresentar o que é a Educação Financeira e sua importância para as nossas vidas, a diferença entre o desejo e a necessidade e, por fim, as armadilhas das compras que são feitas a prazo. Foi feito um questionamento aos estudantes sobre a diferença entre o desejo e a necessidade, vejamos a seguir:

P: Vocês sabem a diferença entre o desejo e a necessidade?

A10: Desejo é você querer. Necessidade é o que você precisa.

A7: Tipo assim, você está passando, mas você não vai poder realizar aquele desejo que você quer, porque você está passando necessidade.

A10: Tem uma coisa mais importante para você.

A10: Ó tipo, assim você tem... é o dinheiro de... uma pulseira, mas pode ser o seu dinheiro do seu arroz, do seu arroz do mês.

A5: Pode ser tipo assim o seu dinheiro... Ó pode ser tipo, você quer viajar, sei lá para...Fortaleza. Aí se quer ir lá pra Fortaleza, só que tipo esse dinheiro você vai gastar com seu médico [...]. Aí você tem que escolher entre sua saúde ou viajar e morrer lá[...].

A2: Uai melhor morrer lá em Fortaleza. Só que dois benefícios! Viajar para Fortaleza e morrer lá.

A partir dessa discussão entre os estudantes, notou-se que eles possuíam um conhecimento básico formado acerca da diferença entre o desejo e a necessidade. Como vimos, um dos estudantes faz a citação de um desejo relacionado à compra de um objeto simples e de baixo valor. Outro menciona um desejo que terá um custo maior e que pode ser classificado como um desejo à longo prazo, pois, para maior parte das pessoas, uma viagem precisa ser planejada com antecedência, levando-se em consideração que a pessoa que viajará precisará fazer uma pesquisa de preços de lugares que poderá se hospedar, de acordo com as suas condições financeiras, além dos lugares que deseja visitar e tem de levar consigo um valor para eventuais compras no local. Em continuidade com essa proposta, foi apresentada aos estudantes uma situação hipotética que a maior parte deles pode ter vivenciado em algum dia de suas vidas.

A situação é a seguinte: certo dia um indivíduo estava caminhando pelo shopping, avistou na vitrine um bonito tênis de uma marca famosa e logo se interessou por ele. O seu preço era de R\$500,00, no entanto, ele sabe que seu salário mensal é de R\$1.000,00. Portanto, ele fez uma reflexão: *será que posso comprar esse objeto? Pois tenho outros compromissos a serem pagos, como a conta de luz, água, do telefone celular e outros*. Então foi questionado por um dos estudantes:

A11: Tipo assim... Vamos supor que você ganha um salário-mínimo[...]. Daí você tem que gastar com internet, é... conta de água, luz, roupas. Mas tipo, quando vai sobrar o dinheiro para eu comprar alguma coisa.

A2: Professor, mas é muito complicado. Vamos supor que uma pessoa recebe R\$1500,00 reais e tem que pagar uma parcela de carro. quanto tá uma parcela de carro? Uns R\$700,00 reais?

A7: R\$800,00 reais!

A2: Tá vamos supor, ela ganha R\$1500,00 reais, aí ela tem que pagar R\$800,00 reais no carro.

A2: Luz, internet, água, comida, aí tem que comprar a roupa do mês, aí você fica...[...] aí vem o frio, tem que comprar uma roupa para o frio, e um moletom custa R\$150,00 reais.

A7: E tipo assim o negócio acontece sempre quando você tá precisando.

A2: Aí você quer comprar um lanche na esquina e não tem mais, acabou, você não tem.

A7: Tipo assim tudo acontece quando você está precisando e não dá pra você pagar tudo[...].

A2: Não é tipo eu tenho R\$1500,00 e vou conseguir comprar comida, vou conseguir comprar a roupa. Não, falta dinheiro para tudo isso.

A10: Não você somente vai ter o necessário e o desnecessário você não vai ter.

A5: Tudo isso que ela falou é necessário!

A2: Então é necessário, mas aí falta dinheiro para o desnecessário é isso que eu quero falar.

Destacamos aqui os argumentos utilizados pelos estudantes em resposta ao problema que lhes foi proposto, ao saberem distinguir, dentro de um orçamento, as despesas fixas que a maioria dos indivíduos tem, como: conta de água, luz e internet. Podemos afirmar que pensaram em um planejamento dos recursos que serão utilizados e que o cliente, antes de adquirir algo, precisa saber qual é o seu “poder de compra” para determinados produtos.

O estudante A7 apresenta um apontamento relevante, que envolve que os problemas são as emergências que surgem quando o indivíduo precisa de algo, mas entendemos que, quanto menos o indivíduo se prepara, ou seja, se previne, quanto a esses futuros problemas, mais surpresas podem acontecer. Na realidade, não é que as emergências acontecem quando estamos sem dinheiro, é que sentimos a sua necessidade quando estamos despreparados.

O imprevisto nem sempre é percebido quando estamos preparados, desse modo, aquele dinheiro que será utilizado para resolver o problema não fará falta no orçamento, pois estava planejado o seu possível uso. Por isso, é importante ter uma reserva de emergência para futuros imprevistos.

Então, foi explicado pelo professor que há certo mito quanto ao ensino da Educação Financeira, pois muitos consideram que ela deve ser estudada e colocada em prática somente pelos mais ricos, mas ela é uma temática que deve ser praticada na vida cotidiana de todas as pessoas. No entanto, há pessoas que pensam desse modo e imaginam que aqueles que possuem uma renda maior que 10 salários-mínimos não sofrem necessidades.

Em seguida foi apresentada uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens Serviços e Turismo (CNC), que apresentava o número de endividados no mês de março de 2022, em que 77,5% das famílias brasileiras terminaram o mês com dívidas e o cartão de crédito foi o principal responsável, já que 87% das dívidas vieram do uso dele (G1, 2022).

Após um período, foi abordada a história do dinheiro ao longo do tempo e os processos enfrentados para alcançarmos o estágio atual. Antigamente, as sociedades não tinham um modelo físico de dinheiro, seja em cédula, moedas ou aplicativos que auxiliavam na compra de bens e produtos que elas necessitavam e desejavam. Assim sendo, foi perguntado aos estudantes como ocorria esse processo.

A4: Eles faziam trocas.

P: Como eles faziam esse troca?

A4: Um arroz por uma farinha.

As trocas aconteciam como neste exemplo: o fazendeiro Eliseu precisava de sacolas de café para consumo próprio em sua casa. No entanto, ele era um pecuarista e no território da sua fazenda não havia um tipo de terra ideal para o plantio de sementes de café. Perto de sua casa morava um outro fazendeiro chamado Salomão que possuía café, mas, precisava de carne para alimentar sua família. Sendo assim, os dois realizavam trocas entre si, para obterem os produtos que desejavam. O fazendeiro Eliseu oferecia uma vaca em troca de 12 sacolas de café à Salomão. Essa troca era chamada de escambo (Freitas, 2005).

Posteriormente, foi discutido com os estudantes as formas de compras que temos na atualidade e a evolução que o dinheiro teve ao longo do tempo. Com isso, podemos perceber que hoje há certa facilidade no pagamento por meio de cartões, do pix e das moedas virtuais, em que não se é utilizado somente o dinheiro em espécie. São formas de pagamento que permitem uma economia para o Banco Central do Brasil na fabricação de novas cédulas e moedas, preservando, assim, o meio ambiente e facilitando, de certa forma, a vida dos consumidores.

No entanto, segundo um levantamento feito pela Fundação Dom Cabral (FDC) e a empresa de valores Brink's, as principais formas de pagamento utilizadas pela população foram as seguintes: 53,4% dos entrevistados preferiam o dinheiro como meio de pagamento, seguido pelo cartão de crédito (20%), cartão de débito (16,5%), boleto bancário (4,6%) e o PIX (3,5%). Isso nos revela que as pessoas nesse período ainda optavam pela utilização do dinheiro como meio de pagamento e alguns conseguem, assim, um controle maior, uma facilidade e segurança nos seus gastos (Fundação Dom Cabral; Brink's, 2021).

Próximo ao final da aula foi apresentado um vídeo aos estudantes acerca da Educação Financeira. Não foi possível o debate e a explanação das ideias com os estudantes, entretanto, quanto ao que foi apresentado por conta do tempo e de outra atividade que seria desenvolvida por outro professor da escola na mesma sala de aula.

6 Conclusão

O objetivo desta primeira aula da sequência didática que foi realizada em duas escolas, foi o de compreender o conceito que os estudantes tinham a respeito da Educação Financeira e como esses conceitos eram colocados em prática e ensinados dentro de suas casas. Com relação aos argumentos apresentados pelos estudantes eles estavam corretos em suas afirmações quando lhes foi perguntado acerca do real significado da Educação Financeira, porém, eles precisaram entender o conceito científico da Educação Financeira e como ela se aplica em

nossas vidas.

Entretanto, a desenvoltura dos estudantes da escola pública não se igualou aos estudantes da escola particular. Esses últimos revelaram uma maior familiaridade com o tema, mesmo antes do início das atividades. A escola deu indicativos de que o assunto anteriormente havia sido abordado, embora não de maneira sistemática. Na segunda escola, em conversas prévias com a equipe pedagógica, não houve indicativos de que um debate dessa natureza, já tivesse ocorrido.

Com as explicações e exemplos, que foram apresentados pelo pesquisador, os estudantes deram evidências de terem entendido a necessidade de estudos sobre esse tema, tanto para aplicação pessoal, como para a sociedade em geral. Práticas como essa podem contribuir positivamente na redução do alto índice de endividados em todo o Brasil.

Eles ouviram que a Educação Financeira ensina as pessoas sobre a importância de se tornarem consumidores conscientes, que possuem o hábito de planejar os gastos. Em vista disso, com hábitos dessa forma caracterizados, o consumidor pode planejar sonhos, por meio da cultura do poupar, em que gastos desnecessários são “retirados” do orçamento para a realização de desejos pessoais que podem ser de curto, médio e longo prazo.

7 Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT).

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

COUTINHO, C. Q. S.; TEIXEIRA, J. A educação matemática e o seu papel na construção da educação financeira. In: SEMUR, *Sociedad de Educación Matemática Uruguay (Ed.)*, VII Congreso Iberoamericano de Educación Matemática, 2013, Montevideo. **Anais [...]**. Montevideo, 2013. p. 554-560.

COUTINHO, L.; PADILHA, H.; KLIMICK, C. **Educação Financeira: como planejar, consumir, poupar e investir**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2015.

EID JR, W. **Educação Financeira: mil razões para estudar**. Centro de Estudos em Finanças (GVcef), p. 1-8, 2017.

FRANCISCHETTI, C. E.; CAMARGO, L. S. G.; SANTOS, N. C. d. Qualidade de vida, sustentabilidade e Educação Financeira. **Revista de Finanças e Contabilidade da Unimep**, v. 1, n. 1, p. 33-47, 2014.

FREITAS, N. **História do dinheiro do escambo ao Ted**. Fortaleza: Oboé, Fundação Demócrito Rocha, 2005.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL; BRINK'S. Meios de pagamento no Brasil. **Fundação Dom Cabral**, 2021. Disponível em: https://www.fdc.org.br/conhecimento-site/blog-fdc-site/Documents/Meios_de_Pagamento_no_Brasil_-_Pesquisa_FDC_Brinks_2021.pdf. Acesso em: 14 de out. 2022.

G1. Endividamento bate recorde em março puxado pelo cartão de crédito, diz CNC. **G1 [online]**, 31 de mar. 2022. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/03/31/endividamento-bate-recorde-em-marco-puxado-pelo-cartao-de-credito-diz-cnc.ghtml>. Acesso em: 18 de out. 2022

ISOPPO, M.; ZILLI, J. C.; BIFF, M. Perspectivas para a Educação Financeira no ensino superior. In: Congresso Sul Catarinense de Administração e Comércio Exterior, III, 2019, Criciúma. **Anais [...]**. Criciúma, 2019. p. 1-15.

LUCCI, C. R.; ZERRENER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. d. A influência da Educação Financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, p. 1-12, 2006.

MARTINS, J. P. **Educação Financeira ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2004.

MATIOLI, C. E. R.; LUBECK, K. R. M. A educação financeira como alicerce para um planejamento financeiro responsável. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, Paraná, v. 1, p. 1-19, 2016.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOTA, F. L. **A Educação Financeira como ferramenta educativa frente ao consumo alimentado pelas agências financeiras**. 2019. 118 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

MOURA, R. A. Consumo ou consumismo: uma necessidade humana? **Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo**, v. 24, n. 1, p. 1-14, 2018.

OCDE. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness**. Recommendation of the Council. jul. 2005. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>. Acesso em: 11 de jun. 2021.

OLIVEIRA, E.; ENS, R. T.; ANDRADE, D. B. S. F.; MUSSI, C. R. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Paraná, v. 4, n. 9, p. 11- 27, 2003.

PETER, L. D.; PALMEIRA, E. M. Estudo sobre a inclusão da educação financeira como disciplina escolar a partir das séries iniciais. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, n. 33, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: FEEVALE. 2013.

ROCHA, R. H; VERGILI, R. **Como esticar seu dinheiro:** fundamentos de educação financeira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. d. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de Educação Financeira para a matemática escolar da educação básica. *In:* Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), XI, 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2013. p. 1-17.

TEIXEIRA, J. **Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre educação financeira e matemática financeira.** 2015. 160 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.